



I Simpósio do LaRS.2002 - “O Outro”

Senso Comum: a Arquitetura
vista pelos olhos de quem a habita.

Por: Sérgio Sudsilowsky

Mestrando em Design - Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

CONCEITOS PRÉVIOS

Projetado no contexto de um programa muito bem definido, onde a construção de um edifício de forma racional e ordenada era o primeiro passo para a ordenação do bairro, da cidade, do país; enfim, de toda a sociedade, o espaço na Arquitetura Moderna tinha como uma das premissas básicas não só edificar, mas também organizar móveis e objetos nos espaços, pretendendo “ensinar como morar”, ou seja, *doutrinar* os usuários sobre a “forma correta” de utilizar a “máquina de morar”¹. O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, edifício projetado em 1953 por Affonso Eduardo Reidy, um dos mais importantes arquitetos modernos do Brasil, foi pensado dessa forma, e construído com a certeza dos idealistas.

Percorridos quase cinqüenta anos da construção do conjunto, acreditamos que já era tempo de saber o que havia acontecido por lá; ou seja, resolvemos realizar uma série de visitas aos apartamentos e entrevistas com os moradores do prédio, com objetivo de proceder uma análise morfológica das configurações espaciais feitas por esses indivíduos, afim de relacioná-las com o projeto original do arquiteto. E não é só isso: queríamos conhecer “o outro lado da história”, ou seja, saber como *os outros* – nesse caso os moradores – construíram esse espaço no seu imaginário.

Iniciado esse processo, procuramos localizar a origem de algumas noções prévias, conceitos e valores que permeiam esses espaços, e que aparecem todo o tempo nos dois *discursos*: a *razão* da Arquitetura Moderna, e o *senso comum*, dos usuários.

Dessa forma, este artigo foi construído a partir de uma realidade específica, atual, e aparentemente simples – como um quarto de criança ou o canto preferido para brincar – onde levantamos alguns temas a serem discutidos – ou pelo menos questionados – ao longo da nossa pesquisa acadêmica. Aqui, especificamente, centraremos essa discussão no primeiro relato feito por cada um dos nossos entrevistados, quando estes descreveram as suas casas.

¹ Expressão utilizada pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier, um dos principais nomes da Arquitetura Moderna no mundo.

SOBRE O OBJETO DE ESTUDO

O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente é um dos prédios paradigmáticos da cidade do Rio de Janeiro, representante de uma época onde grandes projetos foram realizados sob inspiração da Arquitetura Moderna. Conhecido popularmente como “Minhocão”, ele é um extenso edifício em forma de “S”, que serpenteia, encravado, num dos morros da Gávea, bairro da Zona Sul carioca.

Projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, teve sua construção iniciada em 1953. Levou cerca de 16 anos para ficar pronto, resultando em 328 apartamentos, sendo 136 do tipo “conjugado”, e 192 do tipo “duplex”. Com a posterior construção da Auto-estrada Lagoa-Barra, algumas unidades foram demolidas e o número de apartamentos ficou reduzido a 288 (valor ainda grandioso).

Nosso universo inicial foi composto por uma amostragem de 40 apartamentos do tipo “conjugado” já que, por caracterizarem-se por um único vão, estariam de acordo com nossa proposta: analisar as configurações espaciais espontâneas realizadas pelo usuário, em um espaço pré-determinado, de dimensões reduzidas – cerca de 27 m² -, e com um dado a mais: tal espaço não foi previamente “dividido”, ou seja, não possuía paredes ou qualquer elemento fronteiro delimitador de espaços.

Assim, a proposta inicial foi *registrar* o espaço desses usuário, procedendo de duas formas: registro *oral*, isto é, como o usuário descreve o seu espaço (como atua a sua subjetividade ao dispor do espaço de forma a suprir suas necessidades, no ato de *habitar*), como evidencia esse espaço através do discurso oral; em seguida, registros visuais: fotografamos os espaços e reproduzimos na planta original de cada apartamento a disposição em que se encontravam os móveis/objetos.

Dessa forma, as entrevistas realizadas tinham como tarefa mapear o imaginário dessas pessoas sobre o espaço em que vivem, descobrindo quais as suas motivações, como foram feitas as suas escolhas, o porquê de cada “canto” e cada configuração, dentro do espaço maior da “casa”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, ESCOLHAS, ROTEIRO E PROCEDIMENTOS

As Ciências Humanas desenvolveram métodos bastante variados para coletar e analisar dados. Segundo Nicolaci-da-Costa²;

“Os métodos mais freqüentes de coleta de dados são as diversas variações da observação, em ambientes naturais ou em laboratório, e as pesquisas nas quais homens, mulheres e/ou crianças fornecem explicitamente informações sobre si mesmos por meio de respostas às perguntas que lhe são feitas em questionários ou entrevistas. Já os métodos de análise de dados se dividem basicamente em dois: os quantitativos e os qualitativos”

Continuando com sua contextualização metodológica, Nicolaci-da-Costa acrescenta que a primeira categoria de coleta de dados se utiliza de questionários fechados (que já prevêem as respostas dos sujeitos, oferecendo-as no próprio questionário) para a coleta e o método quantitativo para a análise desses dados, gerando resultados estatísticos e generalizadores; a segunda, faz uso de entrevistas para a coleta e de métodos qualitativos para a posterior análise dos dados, onde podem emergir “processos, motivações, desejos, preferências, conflitos, ansiedades, etc. que os próprios usuários desconhecem”³.

O fato dos questionários fechados não permitirem vir à tona situações, discursos implícitos, informações diversas das originalmente esperadas, necessidades/demandas e preferências dos sujeitos, enfim, diversos outros “porquês” que poderiam ser investigados (além daqueles previstos nas respostas oferecidas pelos pesquisadores – porque muitas vezes são invisíveis até mesmo para os próprios sujeitos) condicionou a escolha do segundo método de trabalho para a nossa pesquisa de campo: a aplicação de entrevistas com roteiro aberto.

Decidimos por essa ferramenta pois pretendemos conhecer mais, e ter detalhadamente a maior quantidade possível de informações sobre uma parcela reduzida de sujeitos, que possuem algumas características em comum (sobretudo *morar no mesmo prédio*), já que “a homogeneidade e a ‘alta definição’ do(s) perfil(perfis) da amostra compensam seu tamanho.”⁴, permitindo um maior aprofundamento nas questões em análise.

Assim, nosso roteiro é formado por um bloco de perguntas preliminares, a fim de identificar o morador e seu apartamento, composta basicamente por itens como: número do apartamento, nome do entrevistado, idade, sexo, escolaridade, ocupação, tempo de

² NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria et all. *Gerando conhecimento sobre homens, mulheres e crianças que usam computadores: algumas contribuições da psicologia clínica*. In *Anais do IV Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*. Florianópolis: SBC, 2001.

³ Idem.

⁴ Ibidem

habitação, número de moradores (adultos e crianças), e o(s) turno(s) de maior permanência desses moradores no local (manhã, tarde e noite). Ressalte-se que as perguntas compreendidas entre “sexo” e “turno de maior permanência no local” eram repetidas para cada morador do apartamento, com objetivo de mapear, de forma mais completa, o universo dos entrevistados que participaram da pesquisa – sócio-econômicos, culturais, etc.

Em seguida, iniciávamos a parte *qualitativa* da nossa pesquisa, onde entrávamos no objeto em estudo, perguntando, ainda em caráter delimitatório, há quanto tempo o usuário morava no prédio em questão e, logo após, solicitando que descrevesse a sua casa, ou seja, como ela está organizada, se foi dividida, quantos “cômodos” possui, como foi arrumada, etc., como desdobramento da descrição feita, sempre tentando aprofundar as informações, solicitando maiores explicações sobre determinados cômodos, pedindo sempre para o morador construir uma espécie de *imagem* da sua casa/apartamento⁵.

Ao final, tentávamos captar as impressões do usuário acerca do prédio em si e do próprio bairro, uma vez que entendemos que um apartamento não se encontra isolado do seu entorno, e que qualquer situação que estivesse acontecendo nos corredores, apartamentos vizinhos ou em qualquer outro espaço do prédio – assim como as facilidades/dificuldades do bairro - faziam parte da vida de cada um dos usuários, influenciando no juízo de valor que emprega para avaliar seu lugar. Aqui também eram registradas quaisquer outras informações fornecidas pelo entrevistado que fossem importantes para compreender respostas anteriores ou dados comuns surgidos em outras falas ao longo das entrevistas, já que entendemos as generalizações como fortes indícios daquilo que não ficou claro no particular.

Com as respostas a essa simples pergunta – “Como é a sua casa?” – poderemos, então, construir um novo “edifício”, só que agora utilizando a argamassa retirada das subjetividades desses indivíduos, utilizando o projeto existente nos seus imaginários.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Antes de proceder qualquer análise de discurso, antes mesmo de existir o próprio discurso, existe a idéia. O discurso nada mais é senão a utilização de palavras para expressar idéias, não apenas para descrever objetos, sistemas de coisas, ou situações. Assim, a partir do momento em que nos propomos a analisar discursos, precisamos buscar

⁵ É necessário ressaltar que o pesquisador ainda não tinha visto o espaço interno do apartamento, já que o usuário respondia às perguntas na porta, ou do lado de fora do apartamento, no corredor. Assim pudemos levantar as impressões do usuário acerca de seu espaço, sem termos ainda qualquer imagem física do mesmo.

o modo como as pessoas formulam suas idéias, ou seja, como elas pensam, para tentar entender seus hábitos, descobrir o porquê de suas escolhas, o porquê dos objetos.

Conceitos e noções prévias são anteriores a qualquer escolha de objetos. São individuais e coletivos – fazem parte da cultura de cada um e do imaginário geral, subjetivos e objetivos – são difíceis de relacionar, mas muitos têm um fundo comum, partem das mesmas referências culturais. Dessa forma, antes mesmo de delimitarmos um espaço ou antes de realizar qualquer escolha por um ou outro objeto de uso, existem variáveis prévias - como o desejo (que nada mais é que um conceito, portanto construído) -, que são fundamentais para entender as associações encontradas no cotidiano do ser humano comum. Os objetos que temos em casa não são utilitários por si mesmos. Tornam-se utilitários a partir das escolhas subjetivas, que possuem valores precedentes aquele chamado de “utilidade”.

Ao procedermos a análise devemos deixar claro que as categorias utilizadas não foram estabelecidas *a priori*; elas surgiram no ato da análise, “brotando” dos discursos dos próprios sujeitos ouvidos, sobretudo da *recorrência* de discursos comuns. Voltando à Nicolaci-da-Costa, as “contradições e inconsistências” que emergem dos discursos também são primordiais para as categorizações, uma vez que são “extremamente reveladoras de aspectos invisíveis do funcionamento humano como, por exemplo, motivações e desejos.”⁶ E essas mesmas *contradições e inconsistências*, juntamente com o *como* e os *porquês*, ao serem analisados geram um “conhecimento profundos das raízes sociais de uma determinada configuração psicológica (...) comuns a homens, mulheres e crianças que têm um mesmo perfil.”

COMO É O SEU APARTAMENTO?

Ao perguntarmos como estava organizado o espaço, observamos que a maioria dos sujeitos faziam um histórico de sua mudança para aquele apartamento, como se quisesse justificar as escolhas feitas na hora de configurar o seu espaço. Ou seja, contando os motivos pelos quais foram morar neste prédio, neste apartamento MENOR - todos os entrevistados alegaram ter vindo de residências maiores – os entrevistados forneciam uma espécie de “justificativa” para a ausência/inclusão de um determinado "cômodo" ou um conjunto específico de móveis/objetos que configurassem um certo "lugar" em sua residência.

⁶ NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria et all. *Gerando conhecimento sobre homens, mulheres e crianças que usam computadores: algumas contribuições da psicologia clínica*. In: *Anais do IV Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*. Florianópolis: SBC, 2001.

Em seguida os sujeitos descreviam o seu apartamento. Um fato nos surpreendeu bastante: nenhum dos moradores descreveu o seu apartamento utilizando a palavra *conjugado* ou com qualquer outra expressão que explicitasse o fato de o espaço ser (ou ter sido originalmente) um apartamento com apenas um cômodo - que é a realidade, neste caso. Ainda que não tenha construído paredes ou colocado qualquer divisória interna - ou seja, ainda que não existisse barreiras físicas que separassem ambientes - todos os usuários iniciavam a descrição de seu espaço listando a quantidade de cômodos e suas respectivas funções - quarto, sala, sala de estar, escritório, despensa, sala de jantar etc., e outras nomenclaturas que surgiram ao longo das entrevistas e que pudessem denotar locais com funções específicas em uma residência.

Ao solicitar uma descrição mais detalhada, pudemos notar que em muitos casos a divisória realmente não existia, mas o fato de o usuário *escolher* um determinado canto em sua casa para assumir uma determinada função, já tornava aquele canto em um cômodo específico, podendo este mudar a sua função, disposição e até mesmo o local físico ao longo da permanência do usuário no imóvel, ao sabor da vontade ou das necessidades daquele usuário.

"A proprietária do imóvel já tinha organizado o espaço da forma em que está – um quarto, uma despensa, sala, cozinha e banheiro, só que a despensa nós adaptamos para um escritório. Foi bem pensado, pois ela fez as divisórias na forma de armários embutidos. Só que nós tivemos que ir mudando de acordo com as nossas necessidades; por exemplo, quando o bebê nasceu nós ganhamos o berço e o móvel que serve para guardar as coisas, dar banho e trocar o bebê, só que eles não couberam no quarto. Assim, primeiro pensamos em fazer a despensa/escritório de quarto para o bebê, mas não ia dar certo por causa da cozinha e do banheiro. Então tivemos que adaptar um quartinho na sala." (Rosane⁷, 30 anos, estudante de mestrado)

A *falta de espaço* também é um tema recorrente nos discursos: geralmente surge como condicionador da configuração espacial adotada, como se os móveis, divisórias, cômodos ocupassem *exatamente* o espaço que *deveriam* ocupar, como podemos ver nos relatos que seguem:

"Um quarto e uma sala – não tem muito o que dividir. Cada lugar é como ele *tinha* que ser: a sala mais perto da cozinha, o quarto no fundo do apartamento" (Luiz, 37 anos, técnico em Informática)

⁷ Todos os nomes empregados nos relatos são fictícios, escolhidos ao acaso. Somente as idades e ocupações são verdadeiras.

"Dividi o espaço em dois quartos – um de casal e outro de solteiro -, e uma sala. O de casal é maior, o de solteiro é bem pequeno, por isso fiz a parede com uma grade em cima, para ventilar. *Escolhi* onde ficaria cada cômodo pela *lógica*, pois ela *determinou* onde ficaria cada coisa, principalmente pelo tamanho dos armários. Tento *mudar* sempre que posso a arrumação, tanto que os móveis que eu compro agora sempre são pequenos, pois facilita a organização." (Mônica, 37 anos, secretária) - grifo nosso.

Porém, ainda que assumam uma posição *determinista*, chamou a nossa atenção o fato de TODOS os sujeitos adotarem uma posição de escolha: em um momento afirmam que *escolheram* as posições dos móveis, as funções adotadas nos cômodos ou as mudanças realizadas em prol de um maior aproveitamento do espaço ou melhoria de circulação, noutro expressam o desejo de mudar a disposição das coisas no apartamento, afim de melhorar o seu espaço.

A mudança da configuração do espaço também é tema recorrente nos discursos. A maior parte dos sujeitos afirma que muda sempre a arrumação, ou que gostaria de mudar, caso fosse o proprietário do apartamento, ou pensa em mudar assim que puder. Muitos afirmaram que foram fazendo tentativas de arrumação, até chegar à configuração atual, muitas vezes colocada como um momento de *equilíbrio* – ainda que momentâneo.

"Criei dois quartos com uma parede de alvenaria: um quarto para mim e meu marido e outro para as crianças. Escolhi os quartos de acordo com o problema de saúde de minha filha: ela tem alergia e a poeira que sobe da auto-estrada e o sol faziam com que ela tivesse crises, então coloquei ela no quarto que ficou sem janela. O resto arrumei do jeito que deu, pois falta espaço. Ter construído uma parede fixa atrapalhou muito, principalmente quando quis modificar os espaços." (Marilda, 36 anos, compositora)

"Meu pai colocou uma divisória quando nós éramos menores, de acordo com as nossas necessidades, fazendo um quarto, sala, cozinha e banheiro, de uma forma que aproveitasse bem a janela e que se abrisse a porta ninguém visse o quarto. Mas hoje essa divisão não facilita muito a vida, pois não é fácil mudar. Estamos pensando em mudar a divisória de compensado por uma cortina, para melhorar a ventilação e facilitar as mudanças." (Carlos, Operador de fliperama, 27 anos)

Um (O) outro fator também apareceu de forma recorrente nos discursos: a maioria dos sujeitos não expressou qualquer espécie de planejamento prévio para a configuração do

ambiente; ou seja, é como se eles não pensassem/visualizassem um formato ou arrumação que seu apartamento assumiria, depois de "pronto", e fossem arrumando um grande quebra-cabeça, para "ver como ele ficaria no final": uma cama aqui, um armário ali - que serve também como parede-divisória -, uma mesa acolá: eis o meu apartamento.

“Quarto sala cozinha e banheiro. Como somos recém-casados, à medida em que fomos comprando as coisas fomos arrumando elas ao longo das paredes, sem divisórias fixas, para ter mais espaço de circulação – temos uma filha pequena” (Leonardo, 22 anos, Engenheiro)

É também bastante comum os sujeitos relatarem que tiveram que se desfazer de móveis, seja porque já possuíam antes da mudança e o espaço não comportava - tendo que escolher alguns "mais importantes" (que constituiriam "melhor" o seu espaço), seja porque compraram e viram que não cabia no espaço - "era grande demais" - tendo que mudar a função ou adaptar. Nessa ciranda de adaptações, uma mesa vira armário, ou estante, uma máquina de lavar roupas vira penteadeira, uma cadeira apóia a televisão, uma cama vira sofá, um armário vira parede (com direito a quadros e fotografias dos ídolos penduradas).

"Dois quartos, sala de estar, sala de jantar, cozinha e banheiro. Quando mudei o apartamento já era dividido, só fiz aproveitar, escolhendo onde ficaria o que por causa da privacidade – o quarto fica na área mais reservada do apartamento. Mas eu pretendo modificar a arrumação: quero inverter a posição dos quartos com a sala, para aproveitar a janela nos quartos. Tive problemas com os móveis, pois só vi que eles eram grandes demais quando eles chegaram. Acabei aproveitando eles para dividir minhas salas. (Rosana, 34 anos, auxiliar de enfermagem)

“Tive que me desfazer de vários móveis, quando vim morar aqui: mesa, estante, sofá. Só fiquei com o básico – colchões, armário, tv e computador. Na hora de dormir, os colchões se espalham no chão e está tudo bem. O apartamento é muito pequeno, não pretendo comprar muitos móveis.” (Cristiane, 30 anos, dona de casa)

CONCLUINDO, MAS NÃO TERMINANDO

Conseguimos observar que, apesar de variados, os relatos possuem características comuns, muitas vezes até mesmo *estruturas* comuns. Partem de uma "explicação" dos motivos segundo os quais o espaço assumiu essa característica, antes mesmo de descrever *como* é este espaço. Depois, no momento considerado propício para a descrição desse espaço, muitos adotaram uma posição *determinista* no relato - o espaço (ou a falta dele)

teria condicionado a arrumação - ou então passiva - as coisas assumiram os lugares *que* elas tinham que assumir ou *tinham para* assumir.

Mas algo prendeu a nossa atenção sobressaindo em todos os relatos: os sujeitos entrevistados descreveram seus apartamentos/casas de forma mítica, construindo uma *imagem* dos seus espaços quase idealizada. Assim, para realizar a análise final, achamos por bem localizar como se instaura tal comportamento, afim de entendermos um pouco mais a formação dessas imagens.

No mito, segundo Roland Barthes⁸, encontramos o mesmo sistema tridimensional expresso no sistema semiológico de Saussure: o *significado* (que é o conceito), o *significante* (imagem acústica, de ordem psíquica), e o *signo* (que é a relação entre os dois – o conceito e a imagem). Só que o mito é um sistema particular, já que se constrói a partir de uma cadeia semiológica *anterior* a ele, sendo, dessa forma, um “sistema semiológico segundo”.

“O que é signo (isto é, totalidade associativa de um conceito e de uma imagem) no primeiro sistema, transforma-se em simples significante no segundo”⁹

Sendo assim, no mito existem dois sistemas semiológicos, um deslocado em relação ao outro: o primeiro corresponde à linguagem, ou às formas de representação que lhe são assimilados, já que o mito se serve da linguagem para montar o seu próprio sistema; e o próprio mito, atuando, dessa forma, como *metalinguagem*, já que é uma “segunda língua”, falando da primeira. Feita essa introdução, seguiremos a indicação do próprio Barthes e não nos ocuparemos mais com esquemas lingüísticos, já que aqui somente nos interessa o signo global – como o “conjugado” modernista assume a *idéia* de casa – na medida em que esse termo se presta à fala e à imagem (ainda que ambos sejam signos), podendo constituir o mito.

O signo se legitima a partir da repetição. Assim que ele é escolhido – e essa escolha não é determinada – passa a ser repetido, até ser legitimado; ou seja, é necessário que haja uma insistência de formas, recorrências e apropriações para que o signo se legitime, relacionando-se com outros signos através de *valores*.

Assim como um significado pode corresponder a vários significantes, com o mito ocorre o mesmo, pois este tem à sua disposição um número ilimitado de significantes, já que um conceito pode se repetir de formas diferentes. “É a insistência num comportamento que revela a sua intenção”¹⁰, Barthes já afirmava, acrescentando que não existe nenhuma

⁸ BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001, 9ª ed.

⁹ Idem, pág. 136.

¹⁰ Ibidem, pág. 141.

rigidez quanto aos significantes que um conceito mítico pode assumir, pois estes podem constituir-se, alterar-se, desfazer-se ou desaparecer completamente.

Acrescento que o mito não pretende esconder nada, não possui função de fazer nada desaparecer. O que acontece, no nosso caso, é que um conceito *sobrepõe-se* a outro: à medida em que as pessoas configuram o seu espaço, o que antes era *conjugado* assume a “função” de casa, o que era uma fração do todo assume o papel de um *quarto*, uma *sala de estar* ou um *escritório*. Mas o conjugado continua lá – ao que parece -, quando surge a “necessidade” de um novo “lugar/função”: a possibilidade (ou, muitas vezes, a vontade) de alterar a configuração em que se encontra o apartamento faz com que o conjugado ressurgja, como se fosse uma característica intrínseca desse espaço arquitetônico possibilitar a mudança, assumir qualquer configuração.

“Ele tinha um cômodo só, mas fizemos um quarto, dividindo da sala. Preferi dividir desse jeito para ter uma sala mais espaçosa e para sobrar uma área para fazer um pequeno bar. Fui adaptando as coisas de acordo com o espaço, ocupando os lugares. Ates eu tinha feito outra arrumação, separando os cômodos com divisórias temporárias, até achar a arrumação que tenho agora”. (Cirlei, 68 anos, aposentada).

Dividir, adaptar, mudar, arrumar, organizar, ocupar, lugar. Palavras recorrentes, que expressam muito dos desejos e necessidades desses sujeitos. Mapear esses desejos, localizar essas necessidades é tarefa difícil, porém imprescindível para aquilo que nos propomos: proceder um outro olhar sobre algo que foi há um certo tempo estabelecido, já que os outros olhares só haviam contemplando e oferecido apenas uma visão: a do arquiteto.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001, 9ª ed.

BOESIER, Willy. Le Corbusier. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BONDUKI, Nabil. PORTINHO, Carmen. Affonso Eduardo Reidy. Lisboa: Editorial Blau; São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

Conjunto Residencial Marquês de São Vicente. In Revista Municipal de Engenharia e Arquitetura Rio de Janeiro: Secretaria de Viação e Obras Públicas do Distrito Federal, outubro de 1955.

Entrevista: Profª Drª Marlyse Meyer. In: Revista Imaginário. Publicação do Núcleo de Estudo Interdisciplinar do Imaginário e Memória da USP – NIME-USP. São Paulo, nº 3, 1996. (p. 7-29).

KAMITA, João Masao. Experiência Moderna e Ética Construtiva: A Arquitetura de Affonso Eduardo Reidy. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 1994.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria et all. *Gerando conhecimento sobre homens, mulheres e crianças que usam computadores: algumas contribuições da psicologia clínica.* In: Anais do IV Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais. Florianópolis: SBC, 2001.

NOBRE, Ana Luiza. Carmen Portinho: o moderno em construção. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1999.

PORTINHO, Carmen. Por toda a minha vida. Depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

REIDY, Affonso Eduardo. Projeto e pesquisas Solar GrandJean de Montigny – Centro Cultural da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Index Promoções Culturais, 1985.